

dia, trabalhando de 8h até 22h. Em outros meses, essa seria a quantidade produzida por semana.

Seu dia a dia inclui buscar referências, deixar as peças prontas para venda em feiras e lojas colaborativas do DF e conciliar essas tarefas com o trabalho em um sebo de livros no Gama, no qual conta com a ajuda do irmão e da mãe. “Acaba que se torna um negócio familiar, tem peças que minha mãe me auxilia na produção, e ela recebe; pago meu irmão para cuidar do sebo, e por aí vai.”

Mesmo com a rotina, Alana conta que o ganho financeiro é superior em relação aos outros meses do ano. “De uns dois, três anos para cá, as vendas aumentaram, e consigo tirar um um retorno financeiro bem maior com peças que eu produzo um pouco mais rápido. Querendo ou não, tem mais produtos para venda e, consequentemente, vende mais”, explica.

Apesar do árduo trabalho, a diversão não fica de lado. Neste ano, a artesã conta que, durante o trabalho, também está aproveitando os blocos carnavalescos. “Querendo ou não, a gente acaba curtindo. Quando tem exposição nas feiras, sempre tem um bloquinho, e aproveitamos também. Todo mundo fica mais animado e é mais gostoso de atender às demandas.”

## Rotina intensa

Valéria Lamounier, 58, trabalha com costura criativa há 15 anos. Enquanto isso, é pedagoga na Secretaria de Educação (SEEDF), em Samambaia. O tempo destinado à criação e à confecção de peças ocorre nos momentos de folga e até mesmo durante as madrugadas, participando de feiras e espaços para divulgação do artesanato aos finais de semana e feriados.

Quando chega o carnaval, a rotina de trabalho da artesã é intensa, pois, além de conciliar os dois empregos, tem alta demanda. “Tenho que me desdobrar para atender às encomendas e dispor de tempo para venda dos produtos em feiras de artesanato. Então, cada minuto do dia é precioso. Mas é muito prazeroso.”

Ela cita fatores que dificultam o processo de criação, como a falta de matéria-prima para produção das peças, alta concorrência entre artesãos e o aumento nos preços. “Por causa disso, temos de recorrer às compras on-line, que nos proporcionam praticidade. Ao mesmo tempo, com elas, nos deparamos com outros desafios: restrições de entregas, falta de confiança nos sites e aplicativos, falta de informações claras sobre os produtos, preocupações

Arquivo pessoal



**Músico Bruno Portella, 37: “Momento de maior evidência cultural”**

Arquivo pessoal



**Valéria Lamounier, 58, é pedagoga na SEEDF e costureira há 15 anos**

Arquivo pessoal



**Zenilda Correia, 63, é ambulante e vende lanches há mais de 10 anos**

com as formas de pagamento, entre outras”, explica.

## Limitações

Zenilda Correia da Silva, 63, trabalha como ambulante durante a folia, vendendo lanches há mais de 10 anos. Um dia antes, ela precisa preparar os produtos, levando-os prontos ou pré-prontos para os clientes ao longo do dia. Chegando em casa, ela começa tudo de novo, indo ao mercado para comprar o que falta para a próxima leva.

Para trabalhar nos blocos, a vendedora precisa participar de uma seleção da Coordenadoria do DF, que disponibiliza vagas limitadas para cada concentração. Apesar do lucro, Zenilda aponta que essa limitação pode dificultar as vendas. “Como eu não tive condição de ir para outros lugares, porque só tinha autorização para aquele local, não vendi praticamente nada. Fiquei bastante frustrada, porque imaginamos que vamos para a rua ganhar dinheiro, e nem sempre isso acontece”, relata, referindo-se a um evento no ano passado.

Nesse sentido, a microempreendedora, que também integra a diretoria do Sindicato do Comércio de Vendedores Ambulantes do DF (Sindvamb-DF), ressalta a importância do amparo por parte do governo. “Se é um evento grande, eu acho que, nesses períodos, eles deveriam colocar, ao menos, um banheiro. Nós vamos porque é o nosso trabalho e nós precisamos, mas que é sofrido, é.”

## Impasses

Aulas de música, produção de bandas ou eventos, gravações musicais em casa, shows e apresentações aos fins de semana, além de estudo diário de trombone, são algumas das atividades que compõem a rotina de Bruno Portella, 37 anos, que se intensificam no carnaval. Trabalhando com a festividade desde 2017, ele toca em várias bandas, blocos e fanfarras do DF, além de produzir um evento de pré-carnaval desde 2020.

O músico considera que o maior desafio está em fazer a festa sobreviver por conta de dois fatores: a desvalorização e a repressão. “Parece que, cada vez mais, uma parte da sociedade vê o carnaval como um tumulto que precisa ter um fim, o que vem diminuindo a importância e limitando a diversidade cultural brasileira, já que dificulta o surgimento de novos blocos e manifestações culturais.”

Por causa disso, Bruno observa que, antes, era comum ver colegas

Victor Diniz/Divulgação



**Ruth Venceremos, representante do Bloco das Montadas: “Carnaval fomenta a cadeia produtiva da cultura”**

músicos fazendo vários shows no carnaval; às vezes, tocando duas ou três vezes no mesmo dia, o que, segundo ele, não ocorre hoje. “Isso ficou meio difícil de se ver ultimamente, com essa repressão aos movimentos carnavalescos. Está mais comum ver as lacunas nas agendas”, lamenta. Por outro lado, o artista acredita que este é um momento de maior evidência cultural, uma oportunidade de manter a chama acesa.

## Investimento

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há mais de 150 mil empresas vinculadas à economia criativa no DF. Carolina Palhares, professora do Centro de Excelência em Turismo (CET) da Universidade de Brasília (UnB), defende que, para o crescimento do evento na região, é necessário que outras fontes tenham verba específica. “O financiamento dos blocos de carnaval e das escolas de samba tem vindo do Fundo de Apoio à Cultura (FAC), que já é um recurso limitado e precisa contemplar outras manifestações artístico-culturais durante todo o ano”, diz.

Para ela, isso torna necessária a implementação de medidas voltadas aos profissionais informais que trabalham na área. “Muitos artistas enfrentam dificuldades para monetizar seu trabalho além da temporada carnavalesca. Então, políticas públicas e iniciativas privadas que promovam a profissionalização, a proteção intelectual e o acesso a mercados são essenciais para fortalecer essa cadeia.”

**\*Estagiária sob a supervisão de Marina Rodrigues**